

RESENHA: PRESENÇA MOURA

Autora: Cáscia Frade¹ - casciafrade@gmail.com

Espectadora dos recentes fatos ocorridos na França, envolvendo indivíduos com origens islâmicas, fui tomada por uma indagação sobre a presença desses povos na cultura brasileira: existiriam suas marcas em nossa sociedade ocidental, tropical?

Lembrei-me de um trabalho de Luís da Câmara Cascudo, publicado na Revista de Etnografia - 9 - Porto, com primeira edição em 1966 e reeditado, em 1978, pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco. Com o título "Presença moura no Brasil", a obra tenta avivar aos olhos contemporâneos, as distantes reminiscências "imemoriais, inconscientes, vivas" que se situam atrás da cortina do passado. Interessante é a afirmativa do autor de que os motivos do livro "foram encontrados na vida cotidiana do povo brasileiro" e podem ser percebidos por quem se dispõe a procurá-los. Entretanto, por estarem "perdidos na imensidão milenar das culturas orientais", não serão identificados em suas formas iniciais, mas convivendo com outras formas que resultaram num inevitável e sedutor complexo.

O fato dos portugueses chegarem ao Brasil duzentos e cinquenta anos depois da expulsão dos árabes do Algarve e a Espanha ter retomado o reino de Granada no século XV, sugere a Cascudo que os mouros chegaram em terra brasileira na memória do colonizador. E até hoje se faz presente na cultura popular de nosso país, conforme veremos a seguir.

Analisando o cenário da cultura tradicional brasileira esse pesquisador desvenda um amplo acervo de formas de expressão que organizam e enriquecem um mosaico composto por diversificadas configurações.

Literatura oral

Um aspecto curioso que o autor revela é que não usamos os termos "árabe", "bérbere" ou "sarraceno" para designar os habitantes do norte da África. Adotamos o "mouro", provavelmente por influência da Península Ibérica, onde é mais recorrente. O termo pode significar um sujeito fisicamente resistente (É um mouro para trabalhar! Tem força de mouro!), um ser impassível (Cara de mouro!), trabalho pesado (Trabalho de mouro!), trabalho esfalfante (mourejar), região longínqua (Terra de mouro).

Também em frases feitas o termo adquire várias significações: valorizando o economizar (Quem poupa seu mouro, poupa seu ouro!), ressaltando o machismo (Mouro no trabalho, mulher no borrarho! Mouro na rua, mulher em casa, perto da brasa), denunciando alguém (Ladrão como gato mourisco).

Em regiões diversas do Brasil é recorrente o uso de uma parlenda, frequentemente declamada à noite, como forma de adormecer crianças: Bão-balalão / senhor capitão / em terras de mouro/ Morreu seu irmão.

¹ Doutora em Antropologia da Educação (PUC-RJ).

No rastro da memória, Cascudo evoca uma conterrânea que acreditava na existência do *Mouro Encantado*, um personagem capaz de aproximar casais apaixonados, desde que declamassem sua oração: (Fulano), eu te encanto e reencanto / Com o lenho da Santa Cruz/ E com os anjos filósofos / Que são trinta e seis / E com o Mouro-Encantado / Que tu não te apartes de mim / E me digas quando souberes / E me dê quanto tiveres / E me ames mais que todas as mulheres.

Convém ainda ressaltar a presença de uma expressão que ressalta a onipotência divina e que está em todos os recantos de nosso país. É o Só Deus sabe ou Sabe Deus. Para esse autor essa seria a versão portuguesa do "Allah á Alam". Há ainda as exclamativas de desespero e desabafo, consideradas mouras legítimas: Arra! Arre! Irra! Nascidas da Raa, usada pelos cameleiros da orla marítima da África do Mediterrâneo e pelo mundo árabe da Ásia, migrou para os comboieiros e tangedores que fazem deter e movimentar a fila de animais em estradas brasileiras.

Gestual

Câmara Cascudo destaca nesse estudo três gestos que sinalizam a presença caracteristicamente moura em nossa cultura. Um deles é o de chamar alguém: enquanto o europeu movimenta os dedos para baixo, com a mão em pronação, o mouro mexe os dedos para cima, com a mão em supinação. Tal e qual se usa em nosso país.

Um outro é o acenar com todo o braço direito, ou ambos, nas despedidas. Na Europa e na América espanhola agitam a mão ou as mãos nos momentos efusivos.

Há ainda o destaque para o costume de entortar a boca ou os lábios como sinal de desdém e pouco caso. Informa Cascudo que essa atitude está assinalada no Alcorão (surata 31, v-17) e consta também entre nós.

Superstição

Uma prática viva e respeitada entre brasileiros, seja no campo ou na cidade, é não entrar pela porta por onde saiu e não sair pela porta por onde se entrou. No sentido de buscar a origem desse hábito, Cascudo cita uma surata da Vitela (II,185) onde Maomé expressa uma alusão no sentido de desaparecer o procedimento dos peregrinos que, ao retornar de Meca, só entravam em casa por uma abertura que faziam no muro posterior à residência. Interessante observar uma variante desse procedimento que dita exatamente o contrário, qual seja, só sair pela porta que entrou para não "levar a felicidade" do lar.

Crença, valorizada e ao mesmo tempo temida, fundamenta-se na violência mágica da "Praga", arma instintiva e natural do indivíduo sem defesa. "Rogar praga" significa o golpe, a pancada, a vingança. que atravessa distâncias e persegue o alvejado como uma sombra. E, num processo de gradação, a mais eficaz é a "Praga de mãe", maldição infalível, impactante, implacável, fulminante.

Gestos

Informa nosso autor que o europeu, no gesto normal de chamar alguém, mexe os dedos para baixo, com a mão em pronação, enquanto o mouro movimenta os dedos para baixo, com a mão em supinação. É também esse o aceno do povo brasileiro.

Entre habitantes do interior brasileiro é costume informar aos viajantes o espaço a percorrer, de maneira vaga, imprecisa: "É ali...", indicam estendendo o lábio e erguendo o queixo, criando as chamadas "léguas de beijo". Numa situação semelhante, informa Cascudo, os mouros respondem "é perto", embora o trajeto tenha à frente muitos quilômetros.

Há que se destacar ainda que o gesto de saudação com aceno de todo o braço direito, ou ambos, nas despedidas, é próprio dos árabes. Na Europa e nas Américas agitam a mão ou as mãos, nas despedidas, com contenção dos braços.

Arquitetura

Respaldoando-se no trabalho de José Mariano Filho ("Influências muçulmanas na arquitetura brasileira" - Rio de Janeiro. 1943), nosso autor destaca as torres de igrejas, molduras de janelas e portas interiores, reixas, muxarabiés, dintéis, palaquins, pátios interiores.

Doçaria

"Aonde estiver o mouro, aí estará, infalivelmente, a doçaria", diz o pesquisador. O gosto pelo açúcar foi revelado pelos mouros às regiões do Mediterrâneo e as primeiras mudas de cana saíram das plantações da Sicília e viajaram pelas possessões portuguesas no Atlântico. Os doces tornaram então nossos familiares, sendo os mais comuns na base da gema de ovos, farinha de trigo e açúcar. Acrescente-se o arroz-doce.

Música

Pautando-se em estudos do pesquisador português Carlos M. Santos (Tocares e cantares da Ilha, 1937), que comenta o canto de tanger o gado, entoado numa série de interjeições semelhantes a vocalizes, com estilo oriental acentuado, semelhante à mourisca, Cascudo considera plausível que o aboio brasileiro se origina dessa modulação com que os prisioneiros mouros instigavam a boiada em movimento na Ilha da Madeira.

A presença do pandeiro na Península Ibérica é atribuída aos mouros, instrumento inseparável de suas danças e cantos. Redondo ou retangular, adufe e seus descendentes, não existiam no Brasil à época do descobrimento. Foram trazidos pelo colonizador quando a Península era "quase" muçulmana. Instrumento de grande popularidade em Portugal, chegou a ser citado por poema de Gil Vicente, em 1530, por estar presente em cada casa portuguesa.

A maneira de cantar em nossos sertões nordestinos também é referida por nosso autor, que presenciou, nos mercados da África setentrional, um canto indefinível, indeciso, inacabável nas lamúrias, que terminava quando se julgava que iria continuar e continuava quando sugeria finalização. E a voz era aguda, seca, vertical, "guincho" nos agudos e "ronco" nos graves, emitida em nasalização comum. Nos antigos cantos sertanejos, a entonação intencionalmente lastimosa, a modulação lenta, finais em "ralentados" intermináveis, timbre nasal, natural, perfeitamente compreensível. Assim, conclui, para se conhecer o verdadeiro canto sertanejo não basta a leitura da solfa, sobretudo em razão de sua transmissão se dar pela memória. Assim, mouro não é a inspiração musical, mas o modo de se cantar.

Um outro aspecto ressaltado, relativo a esse canto sertanejo, é a ausência de contracanto, o recurso da "segunda voz". Conforme ocorre na cantoria moura, o canto solo conferia maior dramaticidade à peça executada.

Grupos rituais

Os combates entre mouros e cristãos eram uma tradição muito apreciada pela aristocracia portuguesa. Surgida em Portugal desde a expulsão dos árabes, trata-se de luta simulada, representada por ocasião de festas religiosas ou acontecimentos sociais de relevo. Com os integrantes a cavalo, evocava combates, rendição e conversão dos mouros, jogos de destreza com volteios, floreios de lanças, interpelações e diálogos com linguagem arrogante e belicosa.

No Brasil, essa expressão se faz presente em vários locais, mantendo a forma original portuguesa. Com os cavaleiros identificados pelas cores azul – os cristãos – e vermelho – os mouros, as *Cavalcadas* rememoram lutas medievais, com embates, diálogos, variados jogos que denotam destreza no controle da montaria. A vitória dos cristãos e o batismo dos mouros constituem as cenas mais relevantes da dramatização.

Outros autos que evocam essa temática, dessa feita em contexto de experiência de vida no mar, são a *Chegança* e a *Nau Catarineta*. Dentro de um grande barco ou tendo um navio menor na composição do cenário, os "marinheiros" labutam nas lides de embarcados, quais sejam, calma, falta de alimento, motim. O apogeu é a abordagem de mouros, que travam combate com a tripulação, são vencidos e batizados.

Para Cascudo, foi o prestígio da "História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França" que inevitavelmente nos trouxe os combatidos mouros, derrotados pela espada de Roldão. Esse romance tem sua trajetória iniciada na França - "Conquêtes du Grand Charlemagne" - editado em 1485. Quarenta anos depois ganhou a primeira edição espanhola que foi a fonte das impressões em Portugal. A partir de 1728, data da primeira edição portuguesa, popularizou-se rapidamente em terra lusitana. Chegado ao Brasil, a aceitação teve curso ininterrupto, irradiando por diferentes expressões da cultura popular, como na literatura de cordel, em canções de ninar, em contos, até em nomes próprios, além das referidas danças dramáticas.

Por sua pesquisa Cascudo nos revela que, ao contrário de nossa suspeita, o norte da África ocupa significativo espaço em nossa cultura, demonstrando, mais uma vez, a contemporaneidade do milênio.

Referência

CASCUDO, L.C. Mouros e Judeus na tradição popular brasileira. Recife: SEC/PE, 1978. 2ª ed.